



ISSN: 2176-5960

Προμηθεύς

Journal of Philosophy

n. 46 Setembro - Dezembro de 2024



O EXCESSO DE POSITIVIDADE E O SOFRIMENTO ACADÊMICO: TRANSVERSALIDADES EM BYUNG-CHUL HAN E FRANCO “BIFO” BERARDI

Ulysses Paulino de Albuquerque

UFPE

RESUMO: O sofrimento mental no ambiente acadêmico, manifestado por depressão, ansiedade e burnout, resulta do excesso de estímulos e da constante pressão por desempenho impostos pela sociedade moderna. Tal situação é interpretada por este artigo à luz das teses de Byung-Chul Han e Franco “Bifo” Berardi. Han argumenta que a era atual é dominada por doenças neuronais causadas pelo excesso de positividade, em contraste com as doenças infecciosas do passado, caracterizadas pela negatividade e pela defesa imunológica. Essa discussão é ampliada com base nas ideias de Sigmund Freud e Donald Winnicott, destacando como os ambientes acadêmicos exacerbam tais condições. Além do inconsciente freudiano, este texto reconhece que os indivíduos são influenciados por fluxos de informações provenientes de um inconsciente social, que nutre e complexifica todas as subjetividades. Nessa ótica, o mal-estar coletivo na academia é um sintoma de um desafio contemporâneo mais amplo, e não uma propriedade emergente do sistema acadêmico em si. A partir disso, o presente artigo examina como a transição da sociedade moderna de um paradigma imunológico – defesa contra o estranho e o negativo – para um paradigma dominado pelo excesso de positividade altera tanto a dinâmica social quanto os modelos patológicos, levando ao sofrimento psíquico no meio acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: inconsciente social; neoliberalismo; psicanálise; sofrimento mental.

ABSTRACT: Mental suffering in the academic environment, manifested through depression, anxiety, and burnout, results from the excess of stimuli and the constant pressure for performance imposed by modern society. This article interprets this situation considering the theses of Byung-Chul Han and Franco “Bifo” Berardi. Han argues that the current era is dominated by neuronal diseases caused by an excess of

positivity, in contrast to the infectious diseases of the past, characterized by negativity and immune defense. This discussion is expanded based on the ideas of Sigmund Freud and Donald Winnicott, highlighting how academic environments exacerbate these conditions. Beyond the Freudian unconscious, this article recognizes that individuals are captives of information flows emerging from a social unconscious, which nurtures and complicates all subjectivities. The collective malaise in academia is a symptom of a broader contemporary challenge, not an emergent property of the academic system itself. The article examines how the transition of modern society from an immunological model – defense against the strange and the negative – to a paradigm dominated by excess positivity alters both social dynamics and pathological models, leading to psychic suffering in the academic environment.

KEYWORDS: social unconscious; neoliberalism; psychoanalysis; mental suffering.

INTRODUÇÃO

Neste texto, examino o sofrimento mental no ambiente acadêmico à luz das teses do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han em seu livro “Sociedade do Cansaço” (2017) e do filósofo italiano Franco ‘Bifo’ Berardi em “O Terceiro Inconsciente” (2024). Em seguida, ofereço uma interpretação de tal fenômeno com base nas teorias de Sigmund Freud e Donald Winnicott. Além disso, encontro em Heribaldo Maia (2024) uma preocupação semelhante à minha, mas me distancio de sua perspectiva ao não aprofundar o neoliberalismo como a causa subjacente do mal-estar no meio acadêmico. Exploro, ainda, as transversalidades na escrita desses autores, destacando como seus *insights* se interligam e contribuem para a compreensão do sofrimento mental na academia.

A falta de motivação, a depressão, a ansiedade e o esgotamento no cenário acadêmico são sintomas de um sistema adoecido que se perpetua, mesmo diante do sofrimento que causa. Esse mal-estar coletivo encontra uma crescente ressonância nos diversos elementos que estruturam a esfera acadêmica. No entanto, não se trata de uma propriedade emergente do sistema acadêmico em si, mas de um desafio contemporâneo mais amplo. Byung-Chul Han argumenta que esse mal-estar representa uma mudança significativa no paradigma¹ patológico da sociedade. Segundo Han, enquanto épocas passadas foram dominadas por doenças bacteriológicas e virais, a nossa era é caracterizada pelo que ele chama de doenças neuronais, como a depressão, o transtorno

¹ Não está claro para mim o sentido que Han atribui à palavra “paradigma”. Não encontro correspondências com a ideia de paradigma amplamente popularizada pelo filósofo Thomas Kuhn em seu livro “A Estrutura das Revoluções Científicas”, em que o termo exprime as realizações científicas universalmente reconhecidas que, por certo tempo, fornecem problemas e soluções para a ciência. Ao empregar a palavra “paradigma” neste texto, refiro-me a um modelo ou padrão para pensar sobre algo.

de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), o transtorno de personalidade limítrofe (TPL) e a síndrome de burnout (SB), condições predominantes no início do século XXI. Estes estados não são causados pela invasão de agentes patogênicos, mas pelo excesso de estímulos constantes que a sociedade moderna impõe².

Para Han, vivemos em uma época de superabundância de desempenho e produção, focada na maximização do desempenho individual e coletivo, o que leva a uma série de colapsos mentais. Estes diferem das doenças infecciosas do passado, pois são resultado de um excedente de positividade. A sociedade moderna, ao se afastar do que chama de paradigma imunológico – caracterizado pela defesa contra o estranho e a negatividade – entra em uma era na qual a diferença e a positividade predominam. Nesta nova era, o estranho se torna exótico, e a alteridade, que anteriormente provocava reações imunológicas, agora é absorvida de maneira inofensiva, sem provocar respostas negativas. Com essa analogia, Han afirma que o paradigma imunológico é caracterizado pelo excesso de negatividades, enquanto o novo paradigma, o moderno, é oriundo do excesso de positivities e causador das condições anteriormente mencionadas.

Franco Berardi (2024) também localiza esse sofrimento como fruto da aceleração de uma infoesfera e hiperestimulação que conduz a uma explosão psicopatológica. Ele nomeia esse momento como a “era do segundo inconsciente”, uma era que sucede a era do inconsciente freudiano, em que a psicose assume o lugar antes ocupado pela neurose³. Apesar de Han e Berardi ocuparem posições de fala temporalmente diferentes, eles se aproximam ao identificarem um momento da civilização em que o excesso leva ao adoecimento psíquico. Han fala de um momento pré-pandêmico, e Berardi escreve da perspectiva de quem vivencia a pandemia de Covid-19.

Para ambos, a violência contemporânea não é mais resultado da negatividade ou do confronto com o outro, mas da positividade, do excesso e do igual. Tal violência se traduz nas cobranças de desempenho superior e no excesso de informação provenientes das redes sociais, por exemplo, que colocam o indivíduo em um confronto permanente

² A base científica das afirmações de Han é bastante questionável, já que esses transtornos são complexos e possuem origens multifatoriais. Atribuir diretamente tais transtornos ao “excesso de estímulos” carece de suporte empírico.

³ Berardi (2024, p.11) denomina “*semiocapitalismo essa articulação entre acumulação, produção semiótica e estimulação nervosa*”. Para ele, o adoecimento advindo do semiocapitalismo se manifesta em diferentes psicopatologias. A depressão, por exemplo, seria o ápice desse regime. Escapar disso implicaria a anulação do desejo.

com aquilo que representa ou o que ele é com o que “deveria” representar ou ser. Essa nova forma de violência, tanto em Han quanto em Berardi, se configuraria por meio da hiperestimulação, da superprodução, do superdesempenho e da supercomunicação, resultando em estados de exaustão, esgotamento e burnout. Assim, a transição para uma sociedade do desempenho, na qual a maximização da produção e da performance é o objetivo central, introduz novas formas de patologias mentais.

Han argumenta que a sociedade atual, ao se afastar do paradigma imunológico, perdeu a capacidade de lidar com a alteridade e a estranheza. Na era imunológica, a defesa contra o estranho e a negatividade era fundamental para a saúde social e individual, algo que a pandemia de Covid-19 fez ressurgir, conforme explicita Berardi. No entanto, na sociedade contemporânea, a diferença é absorvida sem provocar reações negativas, o que altera profundamente a dinâmica social e patológica. Essa ausência de alteridade resulta em um mundo no qual a positividade é excessiva e os indivíduos estão constantemente sobrecarregados por estímulos e demandas de desempenho.

Todavia, ao considerar a análise de Han, é importante reconhecer algumas limitações e contrapontos. Primeiramente, quando o autor escreveu essas ideias, o fantasma da pandemia não estava presente. A pandemia de Covid-19 trouxe à tona a relevância contínua do paradigma imunológico, revelando que os ciclos históricos da humanidade frequentemente reintroduzem desafios que demandam respostas imunológicas. Esse evento global mostrou que a defesa contra o estranho e a negatividade, características do paradigma imunológico, ainda é extremamente relevante. Para Han,

O paradigma imunológico não se coaduna com o processo de globalização. A alteridade, que provocaria uma imunorreação atuaria contrapondo-se ao processo de suspensão de barreiras. O mundo organizado imunologicamente possui uma topologia específica. É marcado por barreiras, passagens e soleiras, por cercas, trincheiras e muros. Essas impedem o processo de troca e intercâmbio. A promiscuidade geral que hoje em dia toma conta de todos os âmbitos da vida, e a falta da alteridade imunologicamente ativa, condicionam-se mutuamente. Também a hibridização, que domina não apenas o atual discurso teórico-cultural mas também o sentimento que se tem hoje em dia da vida, é diametralmente contrária

precisamente à imunização. A hiperestesia imunológica não admite qualquer hibridização. (HAN, 2017, p. 13)

O mundo globalizado ainda está repleto de barreiras físicas e simbólicas, como fronteiras reforçadas e políticas de imigração rigorosas, que protegem identidades nacionais de ameaças externas. Em vez de eliminar essas barreiras, a globalização as intensifica, criando modos de exclusão e controle. Para além disso, Berardi aponta que a globalização neoliberal fez exacerbar os desafios e contribuir para uma explosão psicopatológica.

Portanto, a globalização não elimina a alteridade, mas a exacerba, aumentando a percepção de ameaças e estimulando movimentos nacionalistas e xenófobos. Nesse sentido, o mundo contemporâneo revela uma quantidade significativa de ódio e violência dirigida ao outro, mostrando que a alteridade nunca foi totalmente superada, mas apenas deslocada para os porões da sociedade. A globalização gera uma resposta imunológica à alteridade, não a destrói nem a subalterniza. Nessa conjuntura, a necessidade de respostas imunológicas, reforçando a distinção entre “nós” e “eles”, é ampliada. A hibridização cultural, considerada um benefício da globalização, também provoca defesas imunológicas, com indivíduos e sociedades tentando preservar suas identidades culturais contra influências externas. Assim, a reação à hibridização demonstra o paradigma imunológico em ação e um forte contraponto aos argumentos de Han.

Han parece não considerar completamente os ciclos históricos e sociais pelos quais a humanidade passa. O ressurgimento de epidemias, a intensificação das tensões globais e os conflitos sociais indicam que as categorias de negatividade e positividade não são excludentes temporal ou espacialmente – elas coexistem e interagem constantemente. A dicotomia que Han estabelece entre uma era de negatividade e uma era de positividade pode ser vista como simplista, já que ambas as forças operam simultaneamente em diferentes contextos.

Tal dicotomia está ausente nos escritos de Franco Berardi. Para o autor, desde a pandemia de Covid-19, vivemos um período de transição – uma paisagem arrebatada pela ansiedade – ao que ele chama de “Terceira Era do Inconsciente”:

Está ocorrendo uma busca coletiva em grandessíssima escala, uma busca que é simultaneamente psicanalítica, política, estética e poética. Durante a pandemia, experimentamos uma laceração profunda no significado da ação, da produção e da vida. Este não é apenas um problema médico, até mesmo os fundamentos da civilização que herdamos (com os quais sofremos, mas também gozamos) estão em xeque. Quando tudo isso tiver terminado, continuaremos a aceitar cortes nos gastos públicos? Continuaremos a aceitar a poluição que torna nossas cidades inabitáveis? Continuaremos a aceitar imensuráveis gastos militares? (BERARDI, 2024, p. 25)

A psicopatologização que Han e Berardi identificam resulta do excesso de positividade e da globalização neoliberal, contribuindo para o mal-estar que se instaura na sociedade e se ramifica em qualquer espaço em que o indivíduo performa e adquirindo, assim, contornos específicos conforme o ambiente em que se manifesta. A seguir, procuro localizar esse mal-estar no ambiente acadêmico.

SOFRIMENTO PSÍQUICO E MAL-ESTAR NO AMBIENTE ACADÊMICO

Na vivência daqueles inseridos no ambiente universitário, é inegável o processo contínuo e crescente de adoecimento mental. Essa percepção encontra respaldo na literatura científica, que investiga de maneira abrangente o sofrimento psíquico no contexto acadêmico. Estudantes universitários enfrentam níveis elevados de estresse e ansiedade, exacerbados por pressões institucionais, por dificuldades financeiras e pela transição para uma nova fase educacional (BARRETT & TWYLCROSS, 2020). Diversas pesquisas têm identificado problemas como depressão, transtornos alimentares, automutilação e transtorno obsessivo-compulsivo, todos com impacto significativo no desempenho acadêmico e na intenção de abandono dos estudos (STORRIE et al., 2010; BARRETT & TWYLCROSS, 2020; DUFFY, 2023).

Uma parcela especialmente vulnerável da comunidade acadêmica, frequentemente objeto de numerosas pesquisas (OKOKO et al., 2022), é composta por estudantes de pós-graduação e professores, os quais são o foco de nossa análise neste artigo. Discentes de pós-graduação, em particular, tendem a apresentar sintomas de

ansiedade, depressão e burnout (NOGUEIRA-MARTINS et al., 2004; GALLEA et al., 2021), existindo uma correlação positiva significativa entre o tempo dedicado aos estudos e os escores de tais sintomas, o que sugere que a duração da permanência na academia está relacionada ao aumento desses problemas de saúde mental. Adicionalmente, quando comparados a uma amostra de 1.044 trabalhadores argentinos de diversas áreas, os estudantes de pós-graduação exibiram níveis mais altos de ansiedade e depressão (GALLEA et al., 2021). Caso esses resultados sejam confirmados por investigações em diferentes contextos, é necessário admitir que as condições psicossociais da educação de pós-graduação são mais prejudiciais à saúde mental e ao bem-estar do que as condições de trabalho em geral (GALLEA et al., 2021).

Professores universitários, com suas rotinas de trabalho que incluem diversas atribuições, também não estão imunes ao adoecimento mental. Esse fenômeno é frequentemente atribuído à intensificação da jornada laboral, à flexibilização das relações trabalhistas, à sobrecarga de tarefas, à escassez de financiamento, ao excesso de controle institucional e ao sucateamento da infraestrutura (CAMPOS et al., 2020). Entre os principais problemas identificados, Campos et al. (2020) destacam um aumento significativo na incidência da síndrome de burnout e de transtornos mentais comuns. Segundo os autores, a precarização do trabalho docente, aliada à intensificação das atividades e às condições inadequadas de labor, tem levado a uma rotina exaustiva, aumentando o risco de adoecimento psíquico.

Uma revisão sistemática de Gaiotto et al. (2021) sobre medidas de suporte a estudantes sugere que as universidades precisam estabelecer e apoiar políticas robustas de saúde mental. Tais políticas devem integrar diversos atores e estabelecer uma agenda comum que inclua ações contra o racismo e a discriminação. Além disso, é recomendado realizar a integração e expansão dos programas de cuidados de saúde mental existentes, facilitando o acesso dos discentes a esses serviços e propiciando atividades de promoção da saúde mental e intervenções não farmacológicas. Outra terceira estratégia proposta envolve o fomento de programas educacionais e estratégias de comunicação que informem os estudantes sobre os recursos disponíveis e sejam voltadas ao enfrentamento de questões contemporâneas de sofrimento psíquico. Por fim, os autores enfatizam a importância de monitorar e avaliar continuamente as necessidades de saúde mental dos alunos, criando programas de tutoria e redes de suporte para garantir seu bem-estar contínuo.

Ademais, Gaiotto et al. (2021) enfatizam a necessidade de políticas institucionais robustas que integrem o Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil e promovam a superação de estigmas e discriminações, visando criar um ambiente universitário mais inclusivo e saudável. Tais políticas devem ser concebidas e implementadas com um enfoque holístico, considerando as diversas dimensões que afetam a saúde mental da comunidade acadêmica e partindo de um compromisso institucional e da colaboração entre diferentes setores da universidade e profissionais de saúde. A criação de um ambiente de suporte e acolhimento é essencial para enfrentar os desafios de saúde psíquica na academia e propiciar o bem-estar de todos os seus membros.

Todo esse cenário, na interpretação de Maia (2024), é oriundo de uma transformação do ambiente acadêmico que envolve a adoção de práticas e valores associados ao mercado (mercantilização) e às políticas neoliberais. Tais práticas incluem a busca por lucro, a competitividade exacerbada, a redução do apoio governamental, a flexibilização das relações de trabalho e a priorização dos interesses econômicos em detrimento dos educacionais e sociais. Nessa conjuntura,

O sujeito neoliberal vincula o ideal de si mesmo à lógica de acumulação de valor tal qual uma empresa, tendo na colonização dos ideais de vida boa o horizonte de sucesso vivido como vitória ante a concorrência e a acumulação de capital pessoal. O neoliberalismo instrumentalizou o sofrimento psíquico para os ganhos de produtividade dos trabalhadores e para a atenuação de possíveis revoltas políticas. O adoecimento mental que hoje explode é sintoma de uma sociedade imersa em uma guerra de todos contra todos, em que cada vacilo é vivenciado sob a perspectiva da punição e da exclusão social, sem direito à solidariedade ou a qualquer espaço de comunhão e acolhimento, fazendo com que os sujeitos ignorem, sem questionamento crítico e político, a realidade em que vivem. (MAIA, 2024, p. 103-104)

Maia (2024) culpabiliza o sistema capitalista pela inculcação na academia de um modo de ver, sentir e produzir pautado em uma lógica neoliberal que seria incompatível com a criatividade e a inovação que se espera desses ambientes. Para ele,

Na educação também foram implantados modelos que buscaram criar, incentivar e amplificar as relações de concorrência, avaliação e comparação com o intuito de projetar um ambiente propício às tecnologias do desempenho, ampliando a produção acadêmica com foco na quantidade. Criou-se na universidade um ambiente capaz de formar indivíduos gestores de seus desempenhos e responsáveis únicos por suas trajetórias, onde o agir sobre o si mesmo não depende de um outro que lhe imponha uma lei estranha; só o que há é o si mesmo como formador, executor e julgador da lei - que passa a ser vista como fruto do próprio desejo: o desempenho. O intuito é parir um aluno que seja assinalado pelas suas próprias capacidades e esculpido pelo seu próprio capital humano a ser desenvolvido. Esse sistema de reconhecimento baseado nas leis de mercado tem consequências drásticas nas relações humanas. (MAIA, 2024, p. 121)

Maia (2024) apresenta uma visão pessimista e simplificada da vida acadêmica, não distinguindo adequadamente a produtividade saudável da hiperprodutividade alienante e utilizando exemplos que são, por vezes, forçados ou não aplicáveis ao contexto específico das universidades brasileiras, o que leva a uma interpretação distorcida de nossa realidade (SILVA, 2022). Para Silva (2022), ao não oferecer um comparativo entre o papel do trabalho e da produtividade em sociedades capitalistas e não capitalistas, Maia carece de uma reflexão acerca dos benefícios de características como autonomia e auto-organização. Para além dessa discussão, o sofrimento existe, é palpável e autodeterminador de um mal-estar que se instaura e legitima a si próprio.

NOOSFERA ACADÊMICA E OS ESPAÇOS DE SUBJETIVIDADE

É quase impossível não fazer uma leitura da tese de Han a luz dos argumentos que Freud sustenta no livro “O Mal-Estar na Civilização” (1930-1936). Freud argumenta que a civilização impõe restrições aos impulsos básicos (sexuais e agressivos) dos indivíduos para manter a ordem social. Essas restrições, a exemplo da exigência constante de desempenho e eficiência, geram um sentimento de insatisfação e mal-estar, pois requerem que os indivíduos reprimam seus desejos naturais. É o que acontece no contexto acadêmico, em que estudantes, pesquisadores e professores são

constantemente pressionados para performar, publicar e competir. Esse ambiente cria o que chamo, por analogia à tese de Han, de “ciência do cansaço”, uma situação em que o excesso de positividade e o desejo de maximização do desempenho levam a um desgaste mental e emocional significativo entre acadêmicos.

Pós-graduandos frequentemente enfrentam altas expectativas na academia, combinadas com a pressão para se destacarem em atividades extracurriculares e redes sociais. Esse público, assim como os professores, lida com a pressão para publicar resultados inovadores em um ritmo acelerado, o que pode ocasionar um ambiente de trabalho competitivo e muitas vezes tóxico. Professores, além disso, devem equilibrar a carga de ensino, orientação, pesquisa e publicação, bem como participar de comitês e atividades administrativas. Esse ambiente multifacetado contribui para um desgaste contínuo, sistemático e normalizado academicamente. O mantra “publicar ou perecer” exemplifica essa cultura de superdesempenho que Han critica, na qual a produtividade é valorizada acima do bem-estar individual. O movimento ciência lenta é um esforço de dar à ciência tempo para produzir conhecimento sem ceder à pressão da hiperprodutividade que caracteriza o cenário acadêmico moderno (ver STENGERS, 2018).

Para Han,

A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção. A partir de determinado ponto da produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o registro do poder. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado

através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas em relação à elevação da produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade. (HAN, 2017, p. 25)

Aqui, Han sugere que a sociedade de desempenho representa uma ruptura com a sociedade disciplinar, em que a busca pela maximização da produção já está enraizada no inconsciente social⁴. Eu argumento que, apesar de vivenciarmos a transição para uma sociedade de desempenho, o paradigma disciplinar não foi completamente abandonado. Acadêmicos ainda precisam seguir rigorosas normas e processos institucionais, demonstrando obediência e disciplina. Os indivíduos nunca estão livres do domínio do sistema nem são soberanos de si mesmos – pelo menos não se desejarem fazer parte do sistema como um de seus atores.

Freud via a educação como um sistema social repressivo, alimentado por fantasias narcisistas, que demandavam a renúncia de gratificações, a conformidade e o sacrifício da individualidade em troca dos benefícios, nem sempre certos, da civilização, levando a fenômenos como neurose, ansiedade, depressão e suicídio (WILLOUGHBY & DEMIR-ATAY, 2016). Para Freud (2010), existiriam maneiras de evitar o sofrimento decorrente das restrições sociais:

Outra técnica de afastar o sofrimento recorre aos deslocamentos da libido que nosso aparelho psíquico permite, através dos quais sua função ganha muito em flexibilidade. A tarefa consiste em deslocar de tal forma as metas dos instintos, que eles não podem ser atingidos pela frustração a partir do mundo externo. A sublimação dos instintos empresta aqui sua ajuda. O melhor resultado é obtido quando se consegue elevar suficientemente o ganho de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual. Então o destino não pode fazer muito contra o indivíduo. A satisfação desse gênero, como a alegria do artista no criar, ao dar corpo a suas fantasias, a alegria do pesquisador na solução de problemas e na apreensão da verdade, tem uma qualidade especial, que um dia poderemos caracterizar metapsicologicamente. (FREUD, 2010, p. 35)

⁴ Para Berardi (2024, p.49), isso é fruto de um movimento neoliberal de proporções globais que, junto com a invasão digital da infoesfera”, força a hiperexpressividade psicótica. Como resultado, temos a explosão do inconsciente social que emerge na superfície da sociedade por meio de diversas psicopatologias.

Na perspectiva freudiana, a civilização demanda a sublimação dos instintos, desviando a energia de impulsos sexuais e agressivos para atividades socialmente aceitáveis, como a arte e a ciência (FREUD, 2010). Já Han observa que a pressão por desempenho e produtividade muitas vezes suprime a verdadeira criatividade, posto que a constante exigência de resultados tangíveis e mensuráveis limita o espaço para a reflexão profunda e a inovação genuína. Portanto, a sublimação esbarra em um contexto que, longe de trazer conforto, implica insatisfação e renúncias constantes. Assim, o ganho de prazer inicial leva a uma satisfação ilusória que se transforma, no final, em mais frustração. No ambiente acadêmico moderno, as exigências de publicações frequentes e métricas de desempenho podem sufocar a criatividade dos pesquisadores. A necessidade de produzir trabalhos que atendam a padrões específicos para serem aceitos em revistas de alto impacto pode desviar a energia criativa dos acadêmicos, restringindo a exploração intelectual e a inovação. O efeito disso é a sublimação dos instintos criativos em formas menos satisfatórias e mais conformistas.

Assim como Freud observa o mal-estar resultante das restrições civilizatórias, Han destaca a exaustão e o esgotamento causados pela pressão incessante para performar e produzir. Surge daí um conflito insidioso, representado pelo desejo do indivíduo de ascender e se destacar em seu campo de atuação acadêmica que esbarra em um sistema legitimador de si próprio por meio de superdemandas e exigências crescentes. Tal conflito gera um adoecimento individual – quando os indivíduos se confrontam com suas próprias limitações, o que leva a sentimentos de culpa pelo não atendimento ao que o sistema cobra – e coletivo – quando a autocrítica irrompe, mas é subvalorizada pelo entendimento de que se trata de fraqueza.

Freud argumenta que o sentimento de culpa surge da internalização das normas culturais e morais – como os cânones acadêmicos modernos –, fazendo com que os indivíduos reprimam seus desejos e impulsos por medo de parecerem fracos, incompetentes ou insuficientes. Ao encontro disso, Han explicita que, na sociedade contemporânea, o controle externo é substituído pela autoexploração: o indivíduo internaliza as demandas da sociedade – com as do ambiente acadêmico, por exemplo –, transformando-se em seu próprio explorador, o que aumenta o sentimento de culpa e insuficiência, pois a autoexploração nunca é satisfatória e sempre há o que ser alcançado. Nesse cenário, pós-graduandos e professores podem experimentar culpa por

não conseguirem atender às expectativas externas e internas de produtividade. A pressão para publicar, obter financiamentos e se destacar em um ambiente competitivo faz com que muitos se sintam constantemente inadequados e negativamente desafiados.

O desejo do acadêmico, no sentido psicanalítico, encontra realização não em ter artigos publicados em revistas prestigiosas ou no alcance de métricas de produtividade, mas na atenção positiva de seus pares⁵. Assim, a gratificação está no desejo por completude em um sistema que alimenta as fantasias de aceitação, projeção e excepcionalidade. Tal conjuntura pode desencadear o trauma, fruto da violência cometida, seja explícita, sutil ou silenciosa, que marginaliza o indivíduo quando ele não atende ao que se espera (violência simbólica). Como consequência, pode ocorrer uma morte simbólica para o indivíduo que, a partir de determinado momento, passa a não ter relevância e não satisfazer aos desejos da academia. Essa morte simbólica é uma forma de castração psíquica, na qual o sujeito se vê desprovido do poder e da identidade que antes possuía, resultando em desamparo e angústia – sintomas de uma profunda ferida ocasionada pela falta de reconhecimento e pela sensação de fracasso.

O desamparo, conforme sumariza Macêdo (2012, p.101), reflete uma dimensão essencial e inevitável da vida humana, remetendo à falta de apoio e à sensação de estar desprotegido, frequentemente acompanhada por uma angústia intensa. Essa experiência humana, continua ela, nos confronta com nossa incompletude e fragilidade, revelando o desamparo fundamental, desamparo esse que gera a necessidade do outro, a qual, por sua vez, fundamenta a nossa capacidade de desejar.

A faceta mais perversa e patologizante desse fenômeno se manifesta quando o indivíduo passa a se autoexplorar e explorar os outros como um modo de saciar seus desejos de autoaceitação e acolhimento. Nesses casos,

⁵ É conhecida esta célebre frase do psicanalista francês Jacques Lacan: “o desejo do homem é o desejo do outro”. *No sentido imaginário, dizer que o desejo é desejo do outro alude ao fato de que o sujeito não possui uma identidade, sendo necessário então que ele se ampare em algo situado fora de si mesmo, modelando-se à imagem e semelhança de um pequeno outro. Identificando-se a essa imagem, o sujeito poderá doravante extrair uma certa orientação para sua conduta. O outro servirá como um ponto de apoio, de que o sujeito vai necessitar para saber como deve agir, pensar e sentir. Destituído de identidade, desprovido de uma forma, o sujeito vai se escorar em algo que ele supõe ser mais consistente do que ele, na imagem de um outro que o fascina justamente por aparentar a unidade que lhe falta (...). Ao afirmar que o desejo é o desejo do outro, a psicanálise ressalta que, mais do que qualquer objeto positivamente buscado na realidade, o que nos interessa é o objeto enquanto sendo alvo do querer do outro. "Eu quero o que o outro quer" querendo dizer "eu quero porque é o outro quem quer". O que me faz falta é aquilo que falta ao outro.* (LUSTOZA, 2006, p. 47).

Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal. (HAN, 2017, p. 30)

Maia defende que esses adoecimentos psíquicos e o mal-estar que se instaura no ambiente acadêmico são, antes de tudo, o projeto de uma sociedade neoliberal:

Isso significa que, ao contrário de uma sociedade rica em negatividade (pela exterioridade que diz não), o desempenho, eixo maior da sociedade neoliberal, é uma sociedade onde seu imperativo é do poder ilimitado do ego, ou seja, de um imperativo de positividade de um "eu" que tudo pode. (...) O discurso capitalista individualiza eleva ao extremo as falhas, tomando o indivíduo um perdedor: a falta de controle, a fraqueza e a ausência de autocontrole, enfim, o *loser* é, diante da vida, um impotente. (MAIA 2014, p. 86)

A noosfera⁶ acadêmica surge, então, como uma esfera do pensamento humano que emerge no ambiente acadêmico como uma subestrutura do inconsciente social ou psicosfera. O inconsciente social⁷ corresponde a processos inconscientes que transcendem a subjetividade do indivíduo e que atuam como elementos estruturantes e formadores de dado ambiente social. A noosfera acadêmica⁸ é, assim, alimentada pelo

⁶ O termo “noosfera” foi criado pelo filósofo e teólogo Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) – “(...) Teilhard argumenta, estamos à beira de outra virada decisiva: o terceiro momento da lógica evolutiva. Através da atividade humana global, uma nova camada é adicionada, além da geosfera abiótica e inorgânica e da biosfera orgânica biótica, ou seja, a noosfera, a “camada de pensamento” que, além de *processos* e atividades noéticas (pensar, calcular, modelar, comunicar, deliberar etc.), também envolve *produtos* noéticos (tecnologias, dispositivos, infraestruturas, computadores, plantas industriais, aviões e assim por diante)” (ZWART, 2022).

⁷ “Definir o que é o inconsciente social não é tarefa das mais fáceis, já que, em tese, o conceito discute a ideia de inconsciente em culturas e sociedades. Mesmo após alguns anos de debate, formulações teóricas consistentes e contribuições de psicanalistas e de grupanalistas de vários países e de profissionais de orientações afins, como a sociologia, a psicologia analítica, a teoria sistêmica e o psicodrama, não existe ainda uma unidade em torno do conceito. Entretanto, diretrizes fundamentais apresentadas por Hopper e Weinberg parecem formar o consenso de que existem, nas culturas e nas sociedades padrões de comunicação e interação específicos que são inconscientes para seus membros (...)” (PENNA, 2014).

⁸ O que chamo de noosfera acadêmica seria uma espécie de camada específica e individualizante do conceito de psicosfera de Franco Bernardi (2024, p.71): “a esfera onde circulam os fluxos do imaginário

paradigma de desempenho. Nesse sentido, o desejo de maximizar a produção intelectual e a inovação, enraizado na consciência coletiva dos acadêmicos, é, na verdade, um reflexo de um inconsciente que emerge da tensão entre os desejos individuais e as barreiras da realidade. A busca incessante por produtividade transforma a noosfera em um espaço de alta pressão, em que a liberdade intelectual é paradoxalmente constrangida pelas estruturas coercitivas do desempenho.

Essa liberdade paradoxal, mencionada por Han, em que o poder de autoexploração se disfarça de liberdade, resulta em violência psíquica. Acadêmicos não apenas obedecem às normas e aos regulamentos, mas também internalizam a necessidade de ser produtivos e inovadores, de modo que o desejo de maximizar a produção e o desempenho se torna parte de sua identidade profissional, levando a uma autoexploração constante. Berardi é incisivo ao afirmar que tal liberdade é ilusória, pois advém de um discurso calcado em algo que não encontra amparo no mundo real: *“Conforme somos forçados a admitir nossa impotência, nossa inabilidade em escolher livremente o contexto no qual vivemos, uma sensação de frustração está se espalhando e nutrindo uma onda cultural de raiva, desespero e agressividade”* (BERARDI, 2024, p. 62).

A TERCEIRA ERA DO INCONSCIENTE E O SOFRIMENTO PSÍQUICO NA ACADEMIA

A compreensão do adoecimento psíquico no ambiente acadêmico vai além da simples identificação das pressões objetivas enfrentadas por estudantes e professores, sendo imperativo considerar as subjetividades individuais e coletivas. Cada membro da comunidade universitária carrega um conjunto único de experiências, expectativas e vulnerabilidades que moldam suas respostas às pressões acadêmicas. Alinhando-me à teoria das relações objetais de Winnicott (1983, 1986, 1990), entendo que essa subjetividade é moldada de forma dialógica na relação com outras pessoas e com o ambiente externo em que tais relações se estabelecem. Portanto, temos subjetividades que emergem de duas realidades: a intrapsíquica (do indivíduo) e a interpísica (que surge da relação com os objetos de nossa atenção).

entretecidos de modo a dar forma a imaginação. (...). A psicofera não é o agregado de fluxos individuais, mas o espaço no qual a informação circula (infoesfera) sob a forma neurofísica do sistema nervoso”.

O sofrimento experienciado por um indivíduo, mesmo quando compartilhado por outros no mesmo espaço e rotulado de forma semelhante nosologicamente, é único. Esse sofrimento é único porque seus contornos são moldados pelo mundo interno do ser e pela maneira como esse mundo interage com o mundo dos outros e com o ambiente, que também apresenta sua própria subjetividade (a exemplo do inconsciente social). Assim, cada indivíduo forma uma área intermediária de experiência – o conceito de espaço potencial de Winnicott – em que os processos intra e interp-síquicos se sobrepõem.

Diante disso, recorro a Berardi para pensar os desafios que tal cenário implica:

No domínio freudiano, o imperativo superegoico exigia uma renúncia ao Trieb, à pulsão de prazer. Em contrapartida, o imperativo neoliberal, orientado para sustentar e mobilizar a ânsia social, celebrava o gozo e a agressividade competitiva. A busca incansável por alegria era incessantemente evadida, e as tentativas frenéticas de vencer eram sempre frustradas pela realidade. E agora? (...). evitar o desejo, internalizar a culpa? Esta poderia ser uma receita para um estado psicológico deprimido e isolado e, a longo prazo, uma receita para a violência. (BERARDI, 2024, p. 78-79)

Se a terceira era do inconsciente representa um futuro em aberto, simultaneamente atravessado e alinhado com as eras anteriores que sinto não terem sido superadas, o neoliberalismo e sua racionalidade são o lastro, o vírus, que alimenta essa psicofera adoecida, conforme salienta Maia (2024). Mesmo que Berardi seja um pouco mais otimista ao sugerir que a pandemia de Covid-19 poderia nos levar a uma reflexão positiva e humanista sobre a vida e nossas inter-relações, ele é pessimista ao afirmar que “*a vontade humana é impotente*” (2024, p.160), considerando ilusório tomar o poder político por meio de uma revolução.

Ora, se estendo essas reflexões de Berardi para pensar o adoecimento na academia, o esgotamento e a exaustão precisam dar lugar a um movimento orientado para alimentar a noosfera acadêmica, promovendo o florescimento em vez do perecimento e da violência. O amparo ao indivíduo e ao seu sofrimento psíquico torna-se indispensável. Além disso, precisamos lidar com esse outro inconsciente, que paira acima dos indivíduos, mas que alimenta e transforma o que é individual. Esse

inconsciente social tem a sua própria subjetividade e história, que transcende e ultrapassa a história do indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETT, D.; TWYCROSS, A. Student mental health and well-being: are universities doing enough? *Evidence-Based Nursing*, v. 23, n. 2, p. 33-34, 2020. DOI: 10.1136/ebnurs-2020-103263.

CAMPOS, T. C.; VÉRAS, R. M.; ARAÚJO, T. M. Trabalho docente em universidades públicas brasileiras e adoecimento mental: uma revisão bibliográfica. *Revista Docência do Ensino Superior*, v. 10, e015193, p. 1-19, 2020. DOI: 10.35699/2237-5864.2020.15193.

DUFFY, A. University Student Mental Health: An Important Window of Opportunity for Prevention and Early Intervention. *The Canadian Journal of Psychiatry*, v. 68, n. 7, p. 495-498, 2023. DOI: 10.1177/07067437231183747.

FREUD, S. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GALLEA, J. I.; MEDRANO, L. A.; MORERA, L. P. Work-Related Mental Health Issues in Graduate Student Population. *Frontiers in Neuroscience*, v. 15, 593562, 2021. DOI: 10.3389/fnins.2021.593562.

GAIOTTO, E. M. G. et al. Response to college students' mental health needs: a rapid review. *Revista de Saúde Pública*, v. 55, 114, 2021. DOI: 10.11606/s1518-8787.2021055003363.

HAN, B-C. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2017.

LUSTOZA, R. Z. A angústia como sinal do desejo do Outro. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, v. 6, n. 1, p. 44-66, 2006.

MAIA, H. Neoliberalismo e sofrimento psíquico – o mal-estar nas universidades. Recife: Ruptura, 2024.

MACÊDO, K. B. O desamparo do indivíduo na modernidade. *Ecos*, v. 2, n. 1, p. 94-107, 2012.

NOGUEIRA-MARTINS, L. A. et al. The mental health of graduate students at the Federal University of São Paulo: a preliminary report. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, v. 37, n. 10, p. 1519-1524, 2004. DOI: 10.1590/S0100-879X2004001000019.

OKORO, C.; OWOJORI, O. M.; UMEOKAFOR, N. The Developmental Trajectory of a Decade of Research on Mental Health and Well-Being amongst Graduate Students: A Bibliometric Analysis. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 19, 4929, 2022. DOI: 10.3390/ijerph19094929.

PENNA, C. Inconsciente social. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

SILVA, M. Resenha “Neoliberalismo e sofrimento psíquico: o mal-estar nas universidades”, de Heribaldo Maia. Recife: Ed. Ruptura, 2022. *Prometeus Filosofia*, v. 14, n. 40. DOI: 10.52052/issn.2176-5960.pro.v15i41.18397.

STENGERS, I. Another science is possible – a manifesto for slow science. Medford: Polity Press, 2018.

STORRIE, K.; AHERN, K.; TUCKETT, A. A systematic review: Students with mental health problems—A growing problem. *International Journal of Nursing Practice*, v. 16, p. 1-6, 2010. DOI: 10.1111/j.1440-172X.2009.01813.x.

ZWART, H. Pierre Teilhard de Chardin’s Phenomenology of the Noosphere. In: Continental Philosophy of Technoscience. *Philosophy of Engineering and Technology*, v. 38. Springer, Cham, 2022. DOI: 10.1007/978-3-030-84570-4_7.

WILLOUGHBY, R.; DEMIR-ATAY, H. Psychoanalysis and the Challenge of Educational Fantasies. In: LEES, H.; NODDINGS, N. (eds). *The Palgrave International Handbook of Alternative Education*. Palgrave Macmillan: London, 2016. DOI: 10.1057/978-1-137-41291-1_8.

WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. W. Natureza humana. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1974.